

# PROJECTO (A)RISCAR O PATRIMÓNIO

JORGE VILA NOVA ALVES, MARGARIDA DONAS BOTTO | Divisão de Documentação, Comunicação e Informática da Direcção-Geral do Património Cultural

NUM MOMENTO EM QUE A TRANSITORIEDADE PARECE MARCAR O QUOTIDIANO, AS QUESTÕES DE IDENTIDADE E REFERÊNCIA ASSUMEM PARTICULAR RELEVÂNCIA, SENDO DETERMINANTE O PAPEL QUE O PATRIMÓNIO CULTURAL PODE DETER ENQUANTO ELEMENTO DE (RE)CONHECIMENTO, DE UNIÃO E DE TRANSVERSALIDADE, ASSUMINDO UMA DIMENSÃO DE APROXIMAÇÃO E DE PERTENÇA, A QUE NÃO É ALHEIO UM FACTOR EMOCIONAL E SUBJECTIVO – TÃO OU MAIS FORTE DO QUE O VALOR MATERIAL QUE LHE SUBJAZ.

Comunicar património é, sobretudo, dar a conhecer, informar, e transmitir essa dupla qualidade de relevância e de proximidade; não é uma tarefa fácil: a vertiginosa evolução dos meios de comunicação, a multiplicidade de plataformas disponíveis, os novos modos de consumo e de percepção da realidade facilitadas, particularmente, pelas redes sociais e pela Internet traduzem uma certa assimetria entre uma cultura eminentemente visual, imediata e de fácil acesso e a forma como o património cultural é entendido e consumido pela população em geral.

O projecto **(a)Riscar o Património** teve início em 2014, com a parceria dos Urban Sketchers Portugal, e surgiu justamente como uma forma de colmatar essa lacuna, atraindo uma participação abrangente em termos de faixas etárias, profissões ou nacionalidades. Consiste em reunir no mesmo dia, mas em sítios diferentes, sketchers, ilustradores, artistas ou simples amantes do desenho, segundo tema sempre enquadrado nas comemorações das Jornadas Europeias do Património (JEPs).

O entendimento do desenho enquanto meio de expressão ancestral, privilegiado, versátil e intemporal, permitindo um olhar mais atento e a descoberta de pormenores que a fotografia nem sempre revela, abre caminho para outras associações: reunir a representação do património ao desenho – na sua vertente mais imediata e espontânea,

enquanto registo do olhar, memória fugaz de um tempo e de um sítio, figuração instantânea duma realidade e dum momento – parecia, assim, quase uma evidência. Através do desenho – ou, concretamente, do *sketching* – é possível uma outra representação do património e uma leitura mais descontraída, longe da carga de monumentalidade e “peso” que a própria palavra património acarreta.

A associação com os “Urban Sketchers Portugal” – que, seguindo uma tendência que poderemos considerar quase planetária, se desdobram em encontros, workshops, edições e exposições – foi o passo natural para iniciar este projecto: através deles, bebendo um pouco dessa dinâmica, usufruindo da existência de uma comunidade de amantes do desenho já estabelecida mas sempre em crescimento e aproveitando, em simultâneo, as potencialidades e o carácter “desenhável” do património, criou-se uma iniciativa que entrou, em 2017, na sua quarta edição.

(a)Riscar o Património é um projecto aberto, que pretende promover a interacção entre o observador/desenhador e o Património nas suas diferentes facetas; quer pelo olhar e registo gráfico de cada um, quer pela partilha de desenhos e descobertas, conhece-se, dá-se a conhecer, criam-se laços e evolui-se. Os participantes comparecem no local combinado à hora marcada, reúnem-se e desenhavam: sozinhos ou em grupo, percorrendo (ou não) o iti-

nerário sugerido ou simplesmente descobrindo motivos dentro do tema proposto. Desenhar o que nos rodeia, tendo sempre como baliza a ligação ao tema proposto, possibilita a descoberta e o conhecimento. E permite, também, essa ligação emocional ao monumento, a apropriação simbólica de um espaço, de um sítio, de um pormenor – tudo através do traço.

A ligação às Jornadas Europeias do Património – um evento que engloba toda a comunidade europeia – cria uma rotina saudável e um calendário que acompanha as comemorações e manifestações culturais que se realizam um pouco por todo o lado. Se em 2017 se abordou o tema “Património e Natureza” e em 2016 “Comunidades e Culturas”, em 2015, sob o tema “Património Industrial e Técnico”, os participantes descobriram e criaram belíssimas representações de fábricas, escolas, moinhos, portos e zonas industriais ou portuárias, com que todos nos cruzamos no nosso quotidiano sem realmente os vermos e apreciarmos.

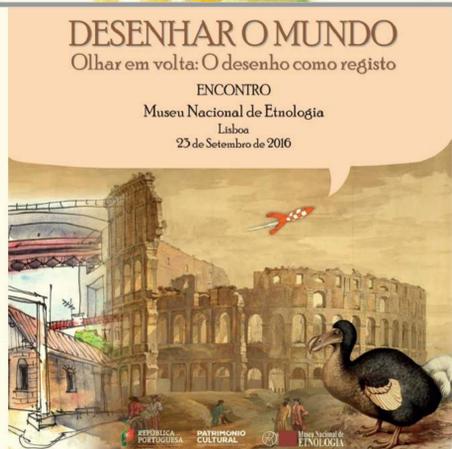
As edições de 2014, 2015, 2016 e 2017 tiveram lugar nas cidades de Viana do Castelo, Porto, Coimbra, Montemor-o-Velho, Tomar, Torres Vedras, Lisboa, Castelo Branco, Évora, Funchal e Ponta Delgada, Feira, Viana do Castelo, Ponte de Lima, Chaves, Guimarães e Braga, juntando-se entretanto as participações do Algarve, em S. Brás de Alportel, Entroncamento, e Angra do Heroísmo, na Ilha Terceira, Açores. Em cada cidade um “anfitrião” previamente seleccionado escolhe um percurso adequado ao tema, acolhe os participantes, divulga, dinamiza localmente, regista e fotografa o encontro.

Do conjunto de trabalhos resultantes dos encontros, é feita uma selecção, que constitui a base de uma exposição itinerante, enriquecida todos os anos com os desenhos das edições mais recentes. Esta exposição foi inaugurada em Setembro de 2015, em Lisboa, no Museu Nacional de Arqueologia com assinalável sucesso – segundo dados deste Museu, terão passado naquele espaço e visitado a exposição cerca de 23 500 pessoas. Transitou posteriormente para Coimbra, para o Museu Nacional Machado de Castro e, já em 2016, para a Galeria Municipal de Torres Vedras, para a Biblioteca Municipal de Castelo Branco e para a Galeria da Casa de Burgos, em Évora. Em 2017, após nova selecção e reformulação, foi apresentada no Museu da Marionete, em Lisboa, no Convento de Cristo, em Tomar e na Casa Allen, no Porto.

Paralelamente foi criado o blog que fornece aos interessados todas as informações sobre a iniciativa, sendo actualizado com frequência.

[www.ariscaropatrimonio.wordpress.com](http://www.ariscaropatrimonio.wordpress.com)

O Encontro “Desenhar o Mundo”, realizado no Museu Nacional de Etnologia em Setembro de 2016, salientou as potencialidades e aplicações do desenho e, também, o seu carácter plástico, lúdico e apelativo, abordando os temas da ilustração científica, arquitectura, banda desenhada, diários gráficos e desenhos dos cadernos de campo de cientistas e exploradores portugueses. Muitos outros temas ficam por explorar – ficando, assim, matéria suficiente para o próximo encontro.



1. Desenho de Tomás Reis, LXFactory, Lisboa, Setembro de 2015, segundo o tema “património industrial e técnico”.
2. Cartaz do Encontro “Desenhar o Mundo”, Museu Nacional de Etnologia, 23 de Setembro de 2016, autoria de Jorge Vila Nova.
3. Cartaz da actividade em Évora, Setembro de 2015, da autoria de Luís Ançã.
4. “Polaroid Wall” constante da exposição realizada em 2017 no Museu da Marionete, Lisboa, com fotografias dos participantes em todo o país.

É frequente ouvirmos dizer “não tenho jeito nenhum para desenho”; a célebre e amplamente citada frase de John Ruskin (e que é, também, o lema dos Urban Sketchers) “*Nunca encontrei ninguém completamente incapaz de aprender a desenhar*” contraria amplamente esta noção. Se é verdade que nem todos somos como Picasso (que, segundo o próprio, “desde menino, pintava como Rafael, levando a vida inteira a pintar como um menino”) é possível aprender, evoluir, conseguir representar o que nos rodeia – ou mesmo superar e transfigurar essa realidade – treinar o olhar, a mão e o espírito. E, no entanto, o desenho mantém uma reserva de excepionalidade que o resguarda da banalização: num tempo em que a fotografia se vulgariza à escala mundial, o desenho continua a ser uma das formas mais genuínas, originais e poderosas de expressão e de registo.

A organização do (a)Riscar o Património pretende aproveitar a relação privilegiada entre património e desenho,

sensibilizar cada vez mais a comunidade para a importância e a diversidade das realidades que nos envolvem, construir um banco de desenhos de registo sobre o nosso Património e promover paralelamente outras actividades como encontros, debates e publicações. O objectivo é chegar a todos os distritos do país, possibilitando uma participação cada vez mais alargada e um conhecimento sempre mais atento do património e do território que nos rodeia.

Em 2018 – Ano Europeu do Património Cultural – o (a)Riscar alarga horizontes e estende a iniciativa a dez cidades europeias: no mesmo dia, mas em Lisboa, Sevilha, Barcelona, Utrecht, Colónia, Paris, Liège, Luxemburgo, Mancha e Milão, desenha-se em simultâneo, com o espírito de curiosidade, descoberta e fascínio comum a todos os que gostam de riscar. E todos são capazes, mesmo que pensem que não sabem fazê-lo: falta, por vezes, arriscar. Só assim se pode descobrir o mundo através do desenho.